Sexualidade na escola: um estudo sobre a sexualidade dos adolescentes do IFRN Ipanguaçu

Camilla Danielle Silva de Lima[1], Jacira Janne dos Santos[2], Francisco Leônidas da Silva[3], Mario Batista de Melo Junior[4]

[1]Orientadora do Projeto de Iniciação Cientifica – IFRN. Mestranda em Saúde Coletiva – UFRN. e-mail: camilla.lima@ifrn.edu.br
[2]Bolsista do Projeto de Iniciação Cientifica – IFRN. e-mail: jacirajanne13@hotmail.com
[3]Voluntario do Projeto de Iniciação Cientifica - IFRN. e-mail: leonidas.ifrn@live.com
[4]Voluntario do Projeto de Iniciação Cientifica - IFRN. e-mail: marioifrn@hotmail.com

Resumo: O presente projeto possui o objetivo de obter conhecimento sobre aspectos da sexualidade dos alunos adolescentes do IFRN - Campus Ipanguaçu, contribuindo assim para nortear reflexões e intervenções educativas e em saúde não só nesta instituição, mas também em outras escolas, tendo em vista à importância de se trabalhar a temática da sexualidade no âmbito escolar. A metodologia utilizada foi à abordagem quantitativa através de questionário estruturado, respondidos de forma auto-aplicada e anônima, sendo os sujeitos alunos, de ambos os sexos, matriculados no curso técnico médio integrado, dos 16 aos 19 anos. Por meio dos primeiros resultados identificaram-se dificuldades, dúvidas e tabus sobre a sexualidade dos mesmos, possibilitando subsidiar intervenções futuras mais eficazes e condizentes com a realidade desses adolescentes, tanto no campo da educação como na saúde.

Palavras–chave: adolescência, educação sexual na escola, sexualidade

1. INTRODUÇÃO

A educação no Brasil vem exigindo discussões nos meios acadêmicos, políticos e sociais, na tentativa de responder as dificuldades e necessidades que surgem no bojo das transformações socioculturais da atualidade. Sendo assim, a qualidade da educação tem sido associada a reformas, inovações, formação docente, escolarização, comunidade, família, saúde física e psicológica e autonomia, considerando a dimensão biopsicossocial dos alunos.

Da mesma forma, a preocupação pela temática da adolescência e juventude, nos últimos anos, vem ocupando um lugar de destaque no contexto das políticas públicas, principalmente no que tange as suas vulnerabilidades (OLIVEIRA, 2001). As doenças sexualmente transmissíveis, a gravidez precoce e, mais recentemente, à violência frente à diversidade sexual são temas relacionados à sexualidade humana, especialmente à adolescência, que preocupam a sociedade e passam a ser discutidas tanto na área da saúde, como na educação.

A adolescência é um período ímpar do desenvolvimento humano, considerada a transição entre infância e a idade adulta, caracterizada por intenso crescimento e desenvolvimento, que se manifesta por marcantes transformações anatômicas, fisiológicas, psicológicas e sociais. Em um contexto mais psicológico, é a etapa na qual o indivíduo busca a identidade adulta, estando o desenvolvimento da sexualidade diretamente ligada à constituição de sua identidade (BRETAS, 2011).

A sexualidade faz parte da identidade humana, se desenvolve no decorrer de toda a vida e é entendida como um fator intrínseco do ser humano que o motiva às diferentes formas de busca e vivência do prazer. São uma construção social e histórica, por isso ganha contornos diferenciados em diferentes espaços e tempos. Como elemento fundamental da condição humana, seu exercício deve ser assegurado na dimensão dos Direitos Humanos, constituindo-se de uma gama de direitos sexuais e reprodutivos capazes de assegurá-la.

A sexualidade é construída e aprendida pelo indivíduo, sendo parte integrante do desenvolvimento da personalidade, capaz de interferir no processo de aprendizagem, na saúde mental e física do indivíduo.

A sexualidade na adolescência tem impulso fortemente marcado pelas transformações biopsicossociais, ou seja, há, nessa fase da vida, inúmeras descobertas e conflitos que podem denotar risco e vulnerabilidade na vida do adolescente. Os riscos são as possibilidades de ocorrência de danos ou agravamentos, como, por exemplo, os casos de infecção pelo HIV/AIDS e outras DSTs, o início

ISBN 978-85-62830-10-5
VII CONNEPI©2012

precoce de atividade sexual, a gravidez não planejada, sem qualquer orientação médica ou familiar, os abortos inseguros, a morbidade materna e os casos de violência sexual (Vitalle, 2003).

Desta forma, a presente pesquisa pretende investigar, através de questionário estruturado, respondido de forma anônima e auto-aplicada, de que forma os estudantes adolescentes do IFRN Ipanguaçu vem pensando e experienciando sua sexualidade, abordando questões como a iniciação sexual, a gravidez, o uso de métodos de proteção as DSTs, orientação sexual e abertura de conversar com a família sobre o tema.

Neste sentido este estudo oferece subsídios para que educadores e equipe de saúde desta instituição, bem como a comunidade do Vale do Açu possam conhecer seus adolescentes planejar intervenções e programas eficazes, a partir das possíveis dificuldades e tabus identificadas nesta pesquisa, que contribuam para o desenvolvimento saudável da sexualidade e, consequentemente, para a qualidade de vida do estudante não só consigo mesmo, mas também na família, na escola e na comunidade em que vive.

2. MATERIAL E MÉTODOS

A metodologia é o caminhado do pensamento e a prática exercida na abordagem e compreensão completa da realidade. Um bom método será aquele que, permitindo uma construção correta dos dados, ajude a refletir sobre a dinâmica da teoria. Portanto, além de apropriado ao objeto da investigação e de oferecer elementos teóricos para a análise, o método tem que ser exequível operacionalmente MINAYO (1994).

Esta pesquisa fez uso da abordagem quantitativa, sendo o instrumento da investigação um questionário fechado e estruturado, auto-aplicado e anônimo. O questionário foi dividido em dois blocos: informações sociodemográficos e informações sobre a sexualidade, incluindo as seguintes questões: iniciação sexual e a frequência com que mantem as relações, a gravidez, o uso de métodos de proteção as DSTs e a frequência de utilização, orientação sexual e abertura de com os pais sobre o tema.

Os sujeitos foram adolescentes de 16 a 19 anos, alunos e alunas do ensino médio profissionalizante (técnico integrado), considerando aqui a faixa etária de 13 a 19 anos, baseado na faixa etária considerada adolescente pela Organização Mundial de Saúde (dos 10 aos 19 anos). Atualmente existem em média 800 alunos matriculados nesta situação. Nesta etapa do projeto piloto responderam aos questionários 40 alunos. No entanto, a amostra final da pesquisa provavelmente será constituída por 50% desse número.

A aplicação do questionário foi feita pelos bolsistas e pesquisadora com os alunos do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio grande do Norte – Campus Ipanguaçu foi realizado no Período do mês de julho de 2012. Os estudantes responderam individualmente e de maneira anônima, evitando assim constrangimentos e respostas não condizentes com a realidade, visando assim um trabalho sem preconceitos, tabus ou repressões sociais. Ao término, o estudante depositava o questionário numa urna, garantindo a privacidade dos mesmos.

Todas as informações e resultados foram obtidos através do questionário. Os dados obtidos foram analisados tendo levantamento dos dados que geraram o resultado que está sendo apresentado nesse artigo. Por fim, vale salientar que utilizaremos também como instrumento o website que não só divulgará os resultados desta pesquisa, mas também será um espaço de reflexão e discussão sobre os principais temas evidenciados por ela, servindo de canal psicopedagógico além das fronteiras do Campus Ipanguaçu.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados preliminares obtidos com relação aos dados sociodemográficos foram os seguintes: a pergunta “Qual sua idade?”, 64% responderam que tinham idade entre 16 e 18 anos, enquanto 36% responderam terem 19 anos. Em relação ao “sexo”, 52% são do sexo feminino e 48% do sexo masculino. Outra questão importante de ser relatada foi à raça através da qual 40% se consideram brancos, 36% parda e 20% preta. Em seguida vêm à religião que é muito pertinente na

questão da percepção e expressão da sexualidade: 56% católicos, 12% evangélicos, 4% ateu, 8% sem religião e 20% responderam outro.

Em relação ao ano que está cursando, 8% estão no 1°ano do curso, 8% no 2°ano, 44% no 3°ano e 40% no 4°ano. Em seguida investigou-se a situação de trabalho dos mesmos: 60% são bolsistas (iniciação ao trabalho, pesquisa ou extensão), 36% não trabalham e apenas 4% tem algum outro tipo de trabalho. Quanto à zona onde residem, 80% são de zona urbana e 20% da zona rural. Quanto à moradia, 28% moram com os pais e irmão(s), 36% com os pais, 4% pai e irmão(s), 12% mãe e irmão(s), 8% com conjugue e 12% com o(s) avó(s).

No que diz respeito à afetividade, questão do bloco "Sexualidade" 88% se dizem solteiros, 8% afirma morar junto e 4% casados. Desse total, 56% não possuem um relacionamento afetivo e 44% possuem. Abaixo segue as estatísticas dos que já tiveram a primeira relação sexual relacionada com suas idades e sexo. Foi evidenciado que dos adolescentes que já tiveram relações sexuais, 40% são do sexo masculino, o que configura a existência da cultura machista, através da qual os meninos são reconhecidos e valorizados por iniciarem precocemente. Enquanto 32% das mulheres e 8% dos homens ainda não tiveram relações sexuais totalizando 40% dos questionários. Desse total 20% possuem 18 anos e em relação às adolescentes, a maioria (16%) iniciou sua vida sexual, mais tarde, aos 19 anos.

Tabela 1 – Relacionamento entre os 60% dos que já tiveram a sua primeira relação sexual com idade e sexo, evidenciando que ainda se segui um padrão conforme aponta a literatura: os do sexo masculino perdem a virgindade, mas cedo do que as adolescentes.

SEXO / IDADE	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
16	0%	4%	4%
17	4%	8%	12%
18	0%	20%	20%
19	16%	8%	24%
TOTAL	20%	40%	60%

Entre os que já tiveram a sua primeira relação sexual foi possível responde se foi utilizado algum método de prevenção na primeira relação e se possuem o hábito de usá-los sempre, através da pergunta sobre frequência.

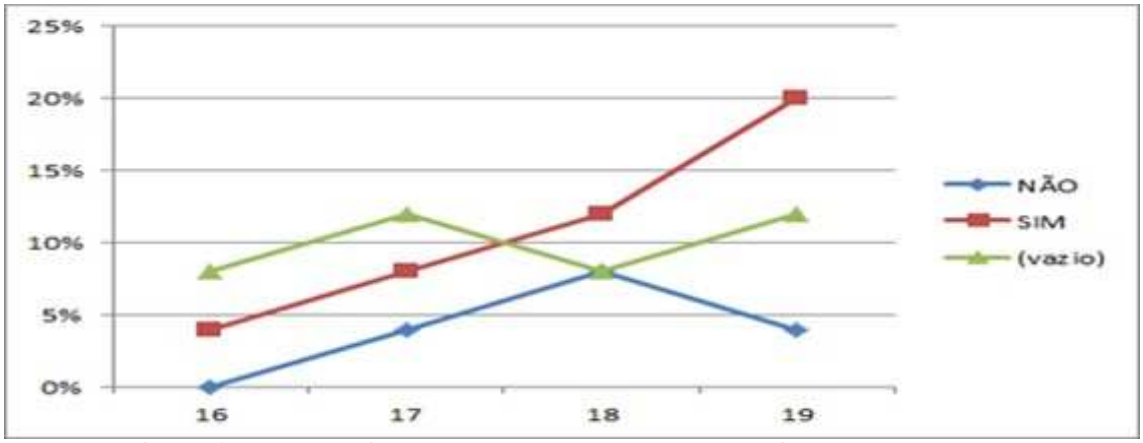

Figura 1 – Estatísticas referentes aos que já tiveram relações sexuais que utilizou algum método de prevenção por idade.

Através da figura analisamos que 44% utilizaram e apenas 16% não utilizou, enquanto que 40% não tiveram relações sexuais. Entre os métodos de prevenção mais utilizados na primeira relação estão: 40% utilizaram camisinha masculina, 4% utilizaram a pílula do dia seguinte e o demais não utilizaram. Quanto à frequência no qual mantem as relações sexuais, 12% disseram que duas vezes por semana, 8% fazem três vezes por semana, 28% mensalmente e 52% nunca ou não mantem relações

sexuais. A frequência utilitária dos métodos anticoncepcionais e a seguinte: 4% às vezes, 8% nunca, 12% quase sempre, 4% raramente e 28% sempre.

Outra pergunta foi "Por qual meio você prefere obter informações e/ou orientação acerca da sexualidade (o que inclui afetividade, carícias, sexo, dentre outros)?", o resultado foi o obtido a seguir:

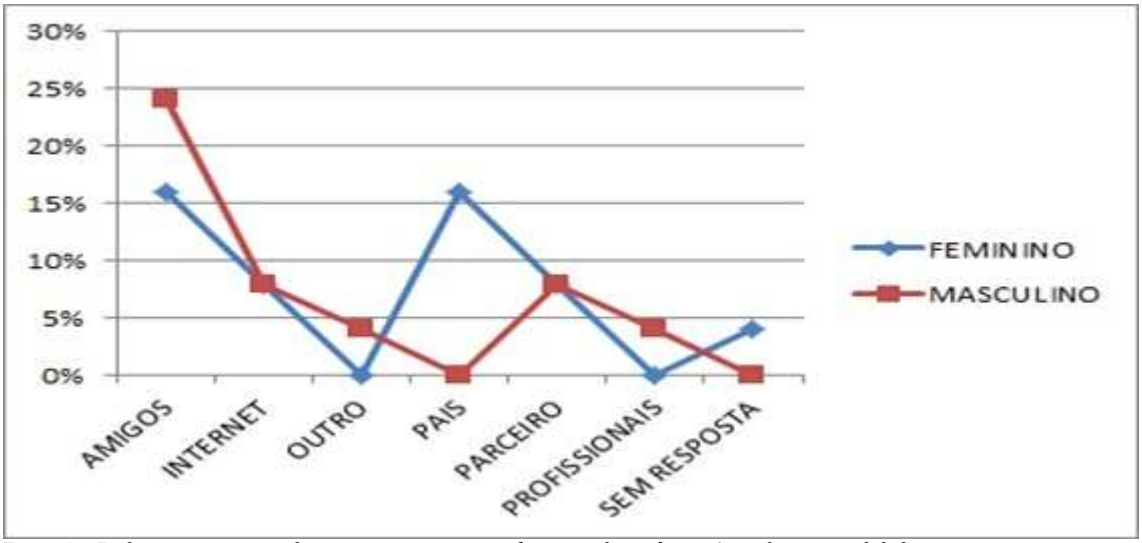

Figura 2 – Dados entre sexo e qual meio os contestantes preferem receber informações sobre a sexualidade.

Podemos observar que o preferencial dos adolescentes daquela instituição é obter informações entre os amigos, mas os pais seria outra opção principalmente para as pessoas do sexo feminino. E aproveitando a questão abaixo temos dados da sobre a percepção que os eles tem acerca da abertura para conversar com os pais sobre assuntos relativos à sexualidade:

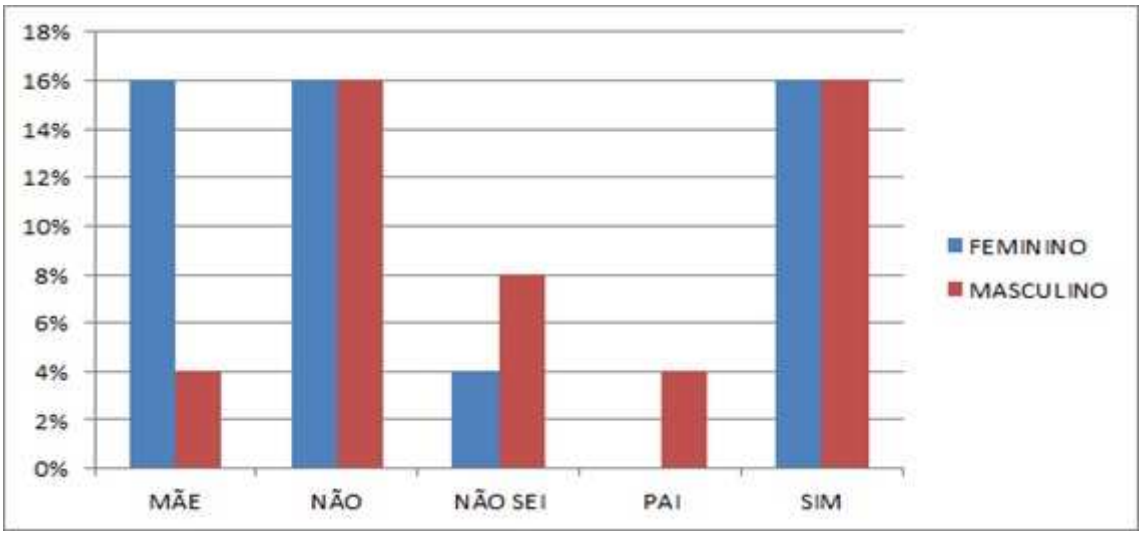

Figura 3 – Interligação entre a idade e a questão da abertura com os pais.

Ao analisamos, certificamos que enquanto 32% tem abertura com os pais, 32% não tem essa abertura com seus pais e 16% das mulheres tem abertura apenas com a mãe, enquanto os únicos 4% do total que tem abertura apenas com o pai são pessoas do sexo masculino.

A seguir vem a ser relatada a questão mas atual no momento, a orientação sexual, especificamente adolescentes de hoje, no gráfico temos estatísticas atualizadas desta discussão:

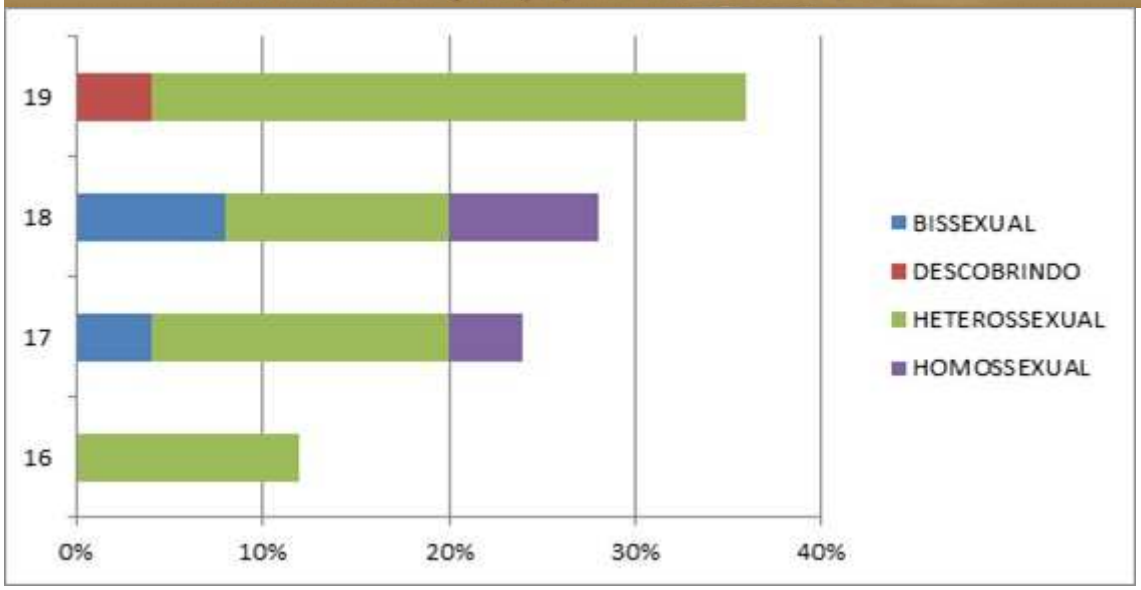

Figura 4 – Orientação sexual dos jovens e adolescentes do IFRN Ipanguaçu organizadas pela idade.

No qual podemos calcular que 72% dos adolescentes se consideram heterossexual, 12% bissexual, 12% homossexual e 4% estão em fase de descoberta sobre o assunto. Vale ressaltar que homossexualidade melhor seria expresso por homoafetividade, aspecto que diz respeito à atração que se sente por indivíduos do mesmo sexo, envolvendo não somente relação sexuail, mas também afetividade.

Outro grande assunto complementando a homoafetividade e religião:

Tabela 2 – O pensamento sobre a homoafetividade alistada com religião e sexo.

PENSAMENTO SOBRE HOMOAFETIVIDADE	SEXO									TOTAL
	FEMININO				Total	MASCULINO			Total	
	CAT	EVA	SEM	OUT		CAT	SEM	ATE		
CONTRARIO A SOCIEDADE	4%	0%	0%	0%	4%	0%	0%	0%	0%	4%
ESCOLHA	8%	0%	4%	4%	16%	0%	0%	8%	8%	24%
NATURAL	12%	0%	4%	4%	20%	0%	8%	20%	28%	48%
PECADO	0%	4%	0%	0%	4%	4%	4%	4%	12%	16%
OUTRO	0%	8%	0%	0%	8%	0%	0%	0%	0%	8%
TOTAL	24%	12%	8%	8%	52%	4%	12%	32%	48%	100%

CAT = católicos; EVA = evangélicos; ATE = ateu; SEM = sem religião; OUT = outro;

Com a aplicação do questionário ainda é possível ver o preconceito que há com a homoafetividade, no qual foi relatado/marcado em dois questionários a opção outro e afirmado que a homoafetividade não é algo natural, mas o mais importante foi perceber que a maioria percebe a homoafetividade como algo natural, o que demonstra uma mudança positiva, rumo à redução do preconceito e da discriminação. Dentre as várias expressões da sexualidade humana, a homossexualidade tem sido historicamente e incomparavelmente a que mais ataques tem sofrido dos fundamentalistas em religião, em moral, em ciência, em direito. Variando a intensidade de acordo com as épocas e com as sociedades, o preconceito em torno da homossexualidade sempre esteve presente com maior ou menor importância na vida de diversas sociedades conhecidas, registrando-se poucas exceções históricas e etnográficas.

Com todos esses resultados, aplicação e discussão sobre a temática propormos a sensibilização dos alunos e educadores sobre o tema, contribuindo com uma maior exposição e discussão. Obtivemos dados atualizados e fidedignos à realidade atual através do método utilizado. Na análise dos

questionários aplicados foram notados também a diferença de gênero e machismo na percepção dos adolescentes, bem como a dificuldade em lidar com algumas questões de sua sexualidade**.**

CONCLUSÕES

Com o desenvolvimento do presente estudo foi possível concluir que o trabalho de informação com vistas à sexualidade é extremamente pertinente, e, possivelmente, vai interfere positivamente na ocorrência da sexualidade mais saudável entre os mesmos.

Tendo em vista a complexidade que abrange o tema, torna-se importante a capacitação dos pesquisadores envolvidos com este tipo de pesquisa, para que se desnudem de preconceitos com sua própria sexualidade tornem-se flexíveis e capazes de respeitar as individualidades, além de serem motivadores do grupo no seu todo, considerando a história de vida e cotidiano dos envolvidos no processo.

Verificou-se por meio das entrevistas que os alunos não passaram por dificuldades no decorrer do trabalho. A partir do questionário aplicado, se preocupam com a aprendizagem, questionamentos e compreensão dos alunos da instituição.

AGRADECIMENTOS

Dedico este trabalho aos pesquisadores, acadêmicos e estudiosos da ciência, como uma pequena contribuição atualizada para o desenvolvimento das suas monografias e teses de mestrado e doutorado. Os autores agradecem ao orientador por ter cooperado na realização deste trabalho e ter acreditado sempre na realização deste trabalho, mas também aos seus alunos que colaboraram com a pesquisa no ato de responderem o questionário, no qual trouxe resultados preliminares com o melhor rigor científico, que só foi possível graças à renúncia e compreensão dos adolescentes. O trabalho correspondente foi realizado parcialmente no âmbito escolar do IFRN.

REFERÊNCIAS

BRETAS, J. R. S. et al. **Aspectos da sexualidade na adolescência.** Ciênc. saúde coletiva, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, July 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413>.Acesso em: 28 fev 2012.

MINAYO, M. C.; SANCHES O. **Quantitativo – Qualitativo: oposição ou complementaridade?** Caderno Saúde Pública. Rio de Janeiro, 913 (239-262), jul/set, 1993.

OLIVEIRA, M. C.; ROCHA, M. I. B. **Saúde reprodutiva na esfera pública e política.** São Paulo: Editora da Unicamp/NEPO, 2001.

Vitalle MSS. **Alguns pontos conceituais sobre sexualidade na adolescência**. Rev. Paul Pediatr. 2003; 21(2): 89-94.